

humanitas

Vol. XLIII-XLIV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XLIII-XLIV

HUMANISMO PORTUGUÊS
NA ÉPOCA DOS DESCOBRIMENTOS

CONGRESSO INTERNACIONAL
(Coimbra, 9 a 12 de Outubro de 1991)

ACTAS



COIMBRA

MCMXCI - MCMXCII

A TIPOGRAFIA QUINHENTISTA DE EXPRESSÃO CULTURAL
PORTUGUESA NO ORIENTE VEÍCULO DE PROPAGAÇÃO
DOS IDEAIS HUMANÍSTICOS

(No quarto centenário da introdução da Imprensa jesuítica no Japão)

MANUEL CADAFAZ DE MATOS

As nossas pesquisas no domínio da História da Imprensa, em territórios da Expansão portuguesa no Extremo Oriente, no século XVI, cingem-se fundamentalmente a três grandes espaços geográficos: a Índia, a China e o Japão.

Sabendo-se que a acção tipográfica foi desenvolvida nesses espaços sobretudo por missionários – em particular pelos da Companhia de Jesus – importará, à partida, ter uma visão de conjunto, para o período de quinhentos, do trabalho produzido nesse âmbito.

A mais antiga obra impressa pelos missionários do Oriente que hoje existe, em qualquer biblioteca, é *S. Boaventura, Opuscula*, que saiu dos prelos da Companhia, em Velha Goa, no Colégio de S. Paulo, em 1559⁽¹⁾.

Sabe-se, no entanto, que desde Setembro de 1556 esteve ao serviço dos jesuítas nessa mesma cidade do Índustão, um prelo, levado pelo espanhol Juan de Bustamante, cujos primeiros resultados foram as obras *Conclusiones Philosophicae* (1556) e *Doutrina Christã* (1561)⁽²⁾, não tendo, no entanto, chegado até aos nossos dias nenhum exemplar desses livros, que apenas se conhecem por documentos da época.

(1) O único exemplar conhecido desta obra encontra-se na Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora.

(2) Segundo informação (adicional, manuscrita) de Maria Alzira Proença, ao *Catálogo de Obras Quinhentistas da Biblioteca Municipal de Santarém*, temos a informação de que esta mesma obra voltou a ser impressa, em Coimbra, em 1600, com o respectivo texto de D. Frei Gaspar de Leão.

Nesse primeiro período da História da Tipografia Portuguesa no Oriente um dos livros que beneficiou de maior popularidade – até pelo extraordinário impacto que teve na Europa – foi *Colóquios dos Simples e drogas he cousas medicinais da India*, de 1563, do bem conhecido cientista Garcia de Orta. A obra foi realizada, tipograficamente, por João de Endem e, pelas pesquisas feitas em torno da cidade que poderá ter dado o nome a esse técnico, é bem provável que ele tenha sido um dos numerosos alemães que, na mira do enriquecimento fácil, tenha deixado a sua pátria e vindo até Lisboa para tomar uma caravela que o pudesse levar para o Oriente das especiarias.

Do que hoje não restam dúvidas é que, à altura em que esse impressor deixou a cidade de Endem, por volta de meados do século XVI, já aí havia uma vincada tradição tipográfica. Bastará estar atento às informações de Brunet, e constata-se que, aí, já funcionavam prelos com caracteres móveis – e as consequentes escolas de aprendizagem de tal Arte – desde, pelo menos, o último quartel do século XV.

Está ainda hoje por fazer uma história do contributo dado pelos alemães em territórios da Expansão portuguesa no período de quinhentos, designadamente ao nível da Arte tipográfica. Importa reter, essencialmente, que a João de Endem se ficou a dever na Índia a edição – no começo dessa obra de Garcia de Orta – do mais antigo trabalho impresso do então jovem Luis de Camões, precisamente a *Ode ao Conde do Redondo*.

Na sua obra, no colóquio 55, intitulado "Do thure que he encenço, e da mirra", Garcia de Orta referencia uma passagem da obra de Giovanni Pico:

"Muita (mirra) vem à India da Arabia e da terra do Abexim, que he a Etiopia (...) E isto me dixे hum sacerdote abexim e hum bispo armenio. E porque Pico Mirandolano diz na sua *Apologia*, que mago em lingoa caldéa quer dizer *sabedor*, pruguntei-lhe, pois que elle dizia que a escritura sagrada estava escrita acerqua delles em lingoa caldéa, que me disesse que queria dizer mago".

Esta passagem da obra do cientista português apresenta, designadamente, uma significativa riqueza lexicográfica:

"elle me dixе que magoxi queria dizer naquella lingoa caldéa *letrado e sabedor*, e que destes eram *magos*, que vieram adorar a Nosso Senhor. E asi me dixе que nam eram reys estes homens, senão letrados grandes, assi nas estrellas como nas outras cousas naturaes. E mais me dixе este bispo que a estrela que guiava a estes magos não era de natureza celestial, senão elemental; asi como dizemos cometa..."⁽³⁾.

(3) Manuel Cadafaz de Matos, *O caixotim, o caracter móvel, e a prensa ao serviço da Bíblia. Um século áureo da cultura tipográfica portuguesa, de Lisboa ao Padroado Português no Oriente*

Também a João de Endem que imprimiu os *Colóquios dos Simples...* se ficou a dever, dois anos depois dessa empresa editorial, ou seja em 1565, a impressão do *Tratado que fez mestre Hieronimo (...) contra os Judeus, da autoria de Frei Jerónimo de Santa Fé*, autor que o grande bibliógrafo que foi D. Manuel II dá como espanhol e antigo Rabi da Judiaria de Roma, convertido depois ao Cristianismo. Fazendo Charles Boxer referência, em 1975, à existência de quatro espécies desta obra, quis o acaso que, muito recentemente, o livreiro-antiquário Tarcísio Trindade encontrasse, na biblioteca da família Barahona, em Alcáçovas (Évora), mais um exemplar desta histórica edição de que aqui damos a primeira notícia.

Em relação às obras impressas no século XVI na Índia de expressão lusófona, vamos deter-nos, ainda, naquela que é conhecida como tendo sido produzida em data mais tardia, no período de quinhentos, ou seja, a *Oratio Habita a Fara D. Martino Iaponio*, de 1587, obra estudada muito em particular por Georg Schurhammer.

É hoje bem conhecida a razão da viagem que os quatro jovens embaixadores nipónicos fizeram, sob as directrizes do visitador Valignano, pouco antes desse ano de 1587, a Portugal e Espanha. Vieram à Europa, com efeito, para render preito ao rei de tão vasto império, Filipe II de Espanha e I de Portugal e sobretudo ao Papa, para darem testemunho, enfim, dos avanços do Cristianismo no Japão.

Foram precisamente esses quatro jovens, de nomes Mancio Itoo, Martinho Hara, Miguel Chijiwa e Julian Nakaura, que regressados de Roma a Portugal terão trazido com eles um prelo, fascinados, decerto, pelo novo invento e seu alcance.

Chegados a Lisboa, estes jovens diplomatas deslocaram-se, então, até Coimbra. Era a vida na Universidade coimbrã – a fama de que desfrutava já além fronteiras – que certamente também os atraía. Aí, a par de outras visitas, puderam estar presentes no Colégio das Artes, próximo ao Natal de 1586, a uma representação que o autor da obra *De Missione Legatorum*, refere nestes termos: "em uma das aulas representaram um drama aludindo ao Japão e à Europa, e o mesmo se fez em outras duas com muita elegância e propriedade. Também se solenizou a sua visita com uma tragédia entremeada com melodiosos concertos, a qual durou quase sete horas".

Tendo estas representações ocorrido no Colégio das Artes elas não deixam, por seu lado, de nos fazer lembrar, um outro auto realizado duas dúzias de anos antes, também nas vésperas de Natal, evocado por António Baião.

(1495-1595), 1990, no prelo (integrando o volume a editar, em 1992, pela Faculdade de Letras de Lisboa em homenagem ao Prof. Doutor José Vitorino de Pina Martins).

Os jovens embaixadores nipónicos, de novo em Lisboa, embarcaram finalmente para o Oriente em 12 de Abril de 1587. Iam a bordo da nau S. Filipe e com eles seguia a valiosa carga: o parque tipográfico que iria servir para introduzir a Imprensa jesuítica portuguesa com caracteres móveis em Macau e no Japão. Com tais viajantes haviam embarcado também vinte e um padres da Companhia, entre os quais se contava o Pe. Nuno Rodrigues, seu director.

Em 31 de Maio de 1588, a nau S. Filipe acostava em Goa com aquela preciosa carga. O desembarque deste primeiro conjunto de caracteres tipográficos móveis dos japoneses ocorria 72 anos depois da chegada do primeiro parque tipográfico enviado por D. Manuel com destino ao Preste João, na Etiópia e três décadas depois do idêntico conjunto de que era portador o impressor espanhol Juan de Bustamante⁽⁴⁾.

Foi pouco depois de chegados a Goa que um dos ajudantes dos quatro jovens embaixadores, o nipónico cristão, Constantino Dourado, imprimiu precisamente a obra a que atrás aludimos, *Oratio Habita a fara, D. Martino Iaponio*, alusiva, já se vê, ao embaixador Martinho Hara, que acompanhava, bem como ao seu testemunho pela fé em Cristo.

Pouco tempo depois de haverem entrado em Goa, os jovens embaixadores nipónicos rumaram para Macau, com vista a regressar a partir desse porto às suas ilhas.

Tendo chegado tais diplomatas a Macau presumivelmente em Agosto de 1588, o prelo que os acompanhava foi posto em acção para se imprimir, aí, a obra do Pe. Juan Bonifácio, de Salamanca, *Christiani Pueri Institutio*.

Em termos de comunicação pelo *impresso*, nesse território português da China, importa sublinhar que essa não era a primeira obra a ver aí a luz da publicidade.

O Padre Miguel Ruggieri, da Companhia de Jesus, imprimira já em 1585, por via de matriz xilográfica, a conhecida – mas bastante rara – obra piedosa que apresenta na portada um excerto do *Livro dos Salmos*, mais precisamente do Salmo CXII. Mas foi a estes jovens cristãos japoneses, com efeito, que se ficou a dever a introdução da Imprensa de caracteres móveis em Macau, com a impressão, no Colégio da Companhia, da referida obra daquele autor salmantino.

Não deixa de se nos afigurar sintomático que, nessa obra, o leitor depare, em

(4) Este assunto é, aqui, retomado do nosso estudo introdutório à edição, em fac-simile, de *Christiani Pueri Institutio*, de Juan Bonifacio (1588), Macau, Instituto Cultural, 1988, edição e estudo introdutório da nossa responsabilidade.

várias passagens, com excertos de trabalhos de alguns autores que ficaram como pontos de referência dominantes na História do Humanismo. É o caso de uma curiosa epístola que principia: "Angelus Politianus Pico Mirandulae suo".

Desse texto apresenta-se, aqui, uma curta passagem:

ANGELUS POLITIANUS PICO MIRANDULAE SUO

S.D.

QUAM vellem, te quôque hodiè nobiscum/
Paulus Ursinus inuitasset ad epulas, vir/
ut in omni militari gloria celebrer, ita/
nec abhorrens a literis. Filiolus est illi Fa/
bius undecim natus annos, insigni cum pulchri/
tudine, tum virtute. Flauì puero crines in terga/
molliter fluentes, alacres oculi, facies lileralis,
vultus ingenuus, status elegans, decorus habitus,
atque is militaris. Vt ergo discubuimus, canere/
quaedam iussus notata musicis accentiunculis car/
mina, simul cum peritis aliis, statim suauiissima...⁽⁵⁾

Essa referência a Pico, o inolvidável autor da *De Hominis Dignitate Oratio*, estava, aliás, em consonância com a referência ao mesmo autor presente na obra de Garcia de Orta, a que atrás nos referimos. Era, afinal, o recuar no tempo – mas avançar no ideal cristão – em direcção aos grandes mestres do Humanismo italiano.

A segunda obra impressa com caracteres móveis nesse mesmo espaço portuário de Macau, foi *De Missione Legatorum*.

Diversos autores têm incorrido, mesmo já ao longo deste século, na imprecisão de atribuírem a obra *De missione legatorum Iaponensium ad Romanam Curiam rebusque in Europa ac toto itinere animaduersis*⁽⁶⁾, ao visitador das Índias Orientais, Alexandre Valignano.

Já no primeiro volume dos *Monumenta Nipponica*, editado em Tóquio em 1938, se constatava que o responsável por esta obra foi Valignano.

Em 1960 Charles Boxer, na obra *O grande Navio de Amacau* – e baseando-se

(5) In ed. cit., Macau, 1988, p. 45 verso.

(6) Algumas espécies desta obra encontram-se depositadas na Biblioteca Nacional de Lisboa (2 exem.); no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, em Lisboa; na Biblioteca do Palácio Nacional da Ajuda, em Lisboa; na Biblioteca Pública de Évora; na British Library; na Biblioteca Casanatense, de Roma; na Biblioteca da Universidade de Sevilha; na Biblioteca de Pei Tang, de Pequim; na Colecção de Oliveira Lima da Universidade Católica da América (Washington, D.C.); na Biblioteca do falecido Professor Shigetomo Koda; e ainda um exemplar incompleto (datado de 1589), na Biblioteca da Universidade de Coimbra, aqui analisado.

na tradição documental italiana –, confirma, a sustentar essa mesma hipótese, ser Valignano o autor, ao escrever: "a capa da obra *De missione...* atribui a edição ao Pe. Duarte de Sande, S. J., mas provou-se que era Valignano o *principal responsável*".

Importa no entanto clarificar aqui que a nossa opinião – expressa aliás em carta enviada ao professor Boxer – que tal obra foi redigida, de facto, pelo Padre Duarte de Sande, do Colégio da Companhia de Jesus de Macau, e natural de Guimarães. Escreveu-a, de facto, após ouvir os longos – e algumas vezes fastidiosos – diálogos desses jovens embaixadores, que durante quase meia década haviam estabelecido, no sentido inverso, uma ponte de contacto entre dois mundos, do Oriente para Ocidente⁽⁷⁾.

O facto de Valignano ser, então, como visitador, o responsável máximo de todas as missões cristãs a leste do Cabo da Boa Esperança, fez com que vários autores lhe atribuíssem a autoria de tal relato, apropriação autoral indevida, a nosso ver, por força do cargo que ocupava.

De Missione Legatorum – que em breve será de novo dado à estampa em tradução do Prof. Costa Ramalho – apresenta-se ao leitor do nosso tempo, ao estudioso, como um manifesto de comunhão de princípios entre a acção da Igreja romana (em todo o seu poder e glória) e as acções dos seus *servos*, ou seja, aqueles que servem as vinhas do Senhor em terras distantes, no Extremo Oriente.

Neste caso, o que essa obra fundamentalmente testemunha, é todo um périplo cultural percorrido pelos quatro embaixadores-meninos por terras da Europa.

Não temos hoje dúvidas em afirmar que a obra *De Missione Legatorum* não foi impressa, apenas, na primeira metade de 1590. A composição tipográfica dessa obra principou, efectivamente, pouco depois de terminada a composição de *Christiani Pueri Institutio*, do Padre Bonifácio, em 1589.

Salientámos, já, no referido estudo publicado em Macau em 1988, que os

(7) Na Enciclopédia Verbo, vol. XXII, art. "SANDE, Duarte", o prof. Américo da Costa Ramalho, corrobora esta nossa opinião ao sublinhar: "Ao contrário do que se escreveu em Itália no séc. passado, o *De Missione Legatorum Japonensium* não é obra do Visitador da Companhia de Jesus, Pe. Alexandre Valignano, embora este tenha sido o seu promotor e quem, segundo o Pe. Sande, sugeriu que fosse escrita sob a forma de diálogo. Aliás, os diálogos estavam então em moda. Mas a redacção da obra deve-se ao port. Pe. Duarte de Sande, como fica patente dos documentos iniciais, inclusive de um parecer escrito pelo Pe. Valignano, em que este afirma ter sido o livro *compositum a patre Eduardo de Sande nostrae Societatis*".
Veja-se, a propósito Barbosa Machado; Inocêncio; Anselmo; Sixth International Colloquium on Luso-Brazilian Studies, 1966. Europe Informed, Ca. Mass., 1966; António José de Figueiredo, artigos no *Archivo Pictoresco*, V (1862) e VI (1863); e o nosso próprio estudo introdução à edição em fac-simile de *Christiani Pueri Institutio*, Macau, 1988.

meninos-embaixadores terão chegado a Macau no seu regresso da Europa e foram logo instalados na Casa da Companhia de Jesus daquela cidade, a partir de meados de Agosto de 1588. Durante essa estadia, para além de acompanharem ou até de participarem na composição dessa obra do padre espanhol, terão decerto sido também parte interveniente na preparação da obra *De Missione Legatorum*, em que eram os agentes directos.

Conhece-se hoje melhor – sobretudo depois do criterioso estudo do Pe. Diego Yuuki, intitulado *Os Quatro Legados dos Daimios de Quiuxu após regressarem ao Japão* (1ª edição, em espanhol, de 1973) – que os quatro jovens embaixadores desembarcaram no Japão em 28 de Julho de 1590.

Se em Agosto de 1588 os jovens embaixadores chegaram a Macau e se em 28 de Julho de 1590 acostaram ao seu arquipélago, somos levados a admitir que se mantiveram em Macau, pelo menos, até Maio-Junho deste ano. Assim sendo, a obra, sob a direcção espiritual, simbólica, do visitador Valignano, só poderia ter sido composta, de facto, pelo Padre Duarte de Sande, nesse período. Quanto à impressão tipográfica, ela poderia ter tido lugar entre Outubro-Novembro de 1588 – data de conclusão da impressão da obra do Padre Bonifácio (o cólofon dessa obra não é explícito a tal respeito). Pelas licenças apostas na abertura da edição – e de que adiante falamos – sabemos que a impressão só principiou em Setembro-Outubro de 1589.

Mesmo que vários autores tenham já referido, insistentemente, que *De Missione Legatorum* é obra de 1590, importa precisar que uma primeira parte da composição data, efectivamente, de 1589, incluindo uma primeira capa feita para a edição.

Uma descrição sumária dessa edição ajudará, certamente, a compreender o problema das duas tiragens (uma parcial e uma integral) desta obra, em Macau. Baseamo-nos no registo catalográfico da obra estabelecido pelo Pe. Leite de Faria⁽⁸⁾:

Na p. [2] estão duas licenças, dadas em 1589, uma pelo Bispo Leonardo em Macau nas nonas de Setembro, isto é, em 5 desse mês, e a outra pelos Padres Alexandre Valignano, Diogo Antunes e Nicolau de Avila no quarto nonas Oct., isto é, em 4 de Outubro, s.l., mas decerto também em Macau. Na p. [3], depois do título: ALEXANDER VALIGNA //nus Societatis IESV, alumnis Semi//nariorum Iaponensium. S.D. //, começa a dedicatória. Na p. [4], depois do título: VENERANDO / ADMODVM

(8) Francisco Leite de Faria, *Livros Quinhentistas de Autores Vimaranenses*, Lisboa, Academia Portuguesa de História, 1982, p. 167-169. Apresentamos, aqui, por deferência do ilustre bibliógrafo, algumas das conclusões a que chegou na análise minuciosa feita a tal obra.

IN CHRISTO //PATRI CLAUDIO AQVAVIVAE PRAEPOSITO// Generali Societatis IESV Eduar // dus de Sande S. P. //, começa a dedicatória. Na p. [7], é enunciado o título: / INDEX COLLOQVIORVM HVIVS DIALOGI/, segue Índice, que nesta página indica 18 colóquios e na p. [8], 14, perfazendo o total de 32 colóquios dos quais o último é referente à China.

Na p. [1], depois do título: DE MISSIONE/ LEGATORVM IAPONEN//sium ad Romanam curiam, rebusq;// in Europa, ac toto itine--//re animaduersis.// DIALOGVS.// DE CAVSIS IAPONENSIS LEGATIONIS / COLLOQVIVM PRIMVM.// LEO//, começa o texto, que no único ex. conhecido desta edição, e que existe na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, acaba ao fundo da p. 92. As últimas palavras são... /monilia preci//osissima//.

Esse exemplar, portanto incompleto, de Coimbra, pertenceu a João Pedro Ribeiro e no front. tem escrito à mão e riscado: "Este quaderno manda o pe. Visitador ao pe. pero da Fonseca".

Refere ainda, a propósito, o grande bibliógrafo Leite de Faria: O Padre Alexandre Valignano, Visitador dos Jesuítas no Oriente, mandou pelo menos o primeiro caderno deste exemplar, isto é, as suas primeiras [8] págs. ao Padre Pedro da Fonseca. Não se sabe se em continuação destas se imprimiram as mais páginas até se completar o livro com o front. datado de 1589; certo é que no ano seguinte, em 1590, se imprimiram novamente pelo menos as pp. [1], [2], [7], [8] e 90 a 92, e se continuou a impressão até ao fim do livro, que consta de 34, e não apenas de 32 colóquios. Talvez esta reimpressão fosse motivada pelo facto de se ter desdobrado um colóquio em dois e se ter ajuntado o colóquio final. Alguns bibliógrafos indicaram esta edição de 1589, em vez de 1590. J. Toríbio Medina escreveu que não houve a edição de 1589 e os que a admitiram deixaram-se enganar pela data das aprovações, que ambas são de 1589.

Estamos de acordo com Leite de Faria: isso não é verdade, pois existiu a edição de 1589. O que se não sabe é se essa edição se continuou até ao fim do livro.

O PRIMEIRO PLANTEL TIPOGRÁFICO NO JAPÃO POSTO EM ACTIVIDADE A PARTIR DE 1591

Foram os missionários da Companhia de Jesus os responsáveis pela introdução no Japão da imprensa com caracteres móveis. Não há, no entanto, ideia tão generalizada de que estes foram também responsáveis pela introdução da arte da

gravura sobre placa de cobre, como escreveu Jack Braga. Retomamos, aqui, no essencial, as pesquisas desenvolvidas por esse autor e publicadas sob o título *Primórdios da Imprensa em Macau* ⁽⁹⁾.

Quando do regresso ao Japão dos "meninos-embaxadores", no Verão de 1590, Alexandro Valignano levou para esse arquipélago um conjunto de caracteres tipográficos europeus; esta tipografia que já tinha sido utilizada em Goa e em Macau, em 1588-1590, para imprimir três obras, foi utilizada para a produção de um grande número de livros nos seus breves vinte anos de existência no Japão.

A tipografia europeia original de 1590 foi, no entanto, também posteriormente alargada, sustenta o mesmo investigador, com a inclusão de caracteres e escrita japonesa, principalmente em *hiragana*. As pesquisas de Sir Ernest Mason Satow permitem hoje – a par dos esforços do Padre Johannes Laures – conhecer melhor a história da Imprensa jesuítica no Japão.

Tendo os jovens embaxadores nipónicos desembarcado, com o seu prelo, em Nagasáqui em 28 de Julho de 1590 como vimos, em breve esse plantel tipográfico foi levado pelos jesuítas para a missão de Katsusa.

Nessa localidade foi impressa, pelo menos, a obra com este vasto (e significativo) título: *Sanctos no Goasagueo-no uchi Nuqigaqi, quan dai ichi, Fienno Cuni Tacacuno Gun no Companhiano Collegio Gazzusa ni voite Superiores no von yuru-xi uo comuri core uo fan to nasu mono nari. Goxuxxe irai*. MDLXXXI. Trata-se de um *Compendio dos Actos dos Sanctos*. O volume I foi impresso em Katsusa, em 1591. O II volume foi impresso no mesmo ano, sendo os dois reunidos num só ⁽¹⁰⁾.

No ano seguinte, 1592 portanto, já os missionários jesuítas faziam transportar o mesmo prelo para um outro côleio da Companhia, desta feita localizado em Amacusa. Ainda nesse ano, com efeito, foi aí impressa uma obra de Frei Luis de Granada: *Fides no Doxito xite P.F. Luis de Granada amaretaru xo riacu. Core uo Companhia no Superiores no go faicacu vomotte Nippon no cotoba ni vasu. Iesvs no Companhia no Collegio Amacusa ni voite Superiores no go men qio toxite core uo fan ni qizamu mono nari. Go xuxxe yori* MDLXXXII, Trata-se de uma adaptação, em japonês, da *Quinta parte de la Introduction del Symbolo de la Fe* ⁽¹¹⁾, daquele autor.

(9) Jack Braga, *Primórdios da Imprensa em Macau*, Macau, edição do Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau, 1965, secção votada às edições luso-japonesas.

(10) A única cópia do original conhecido encontra-se na Biblioteca Bodleiana, em Oxford.

(11) O único exemplar conhecido encontra-se na Biblioteca da Universidade de Leyden.

FIDES NO DŌXI
to xite P. F. Luis de Grana-
da amaretaru xo no riacu.

Core uo Companhia no Superiores no go Licetur
vomotte Nippon no coroba ni valū.



IESVS NO COMPANHIA NO
Collegio Amacusa ni uoite Superiores no go men
qio toxite core uo fan ni qizamu mono nari,
Go xixxe yari M. D. L. XXXXII.

Fig. 1

Página de rosto da edição *FIDES NO DOXITO*, de Frei Luís de Granada, impressa pelos religiosos da Companhia de Jesus, no Colégio de Amacusa, no Japão, em 1582.

Ainda neste ano, os mesmos missionários imprimiram nesse mesmo colégio, três outras obras. A primeira foi *Nippon no Iesus no Companhia no Superior yori Christian ni soto no cotouari uo tagaino mondo no gotoqu xidai uo vacachi tamo Doctrina. Iesus no Companhia no Collegio Amacusa ni voite Superiores no von yuru xi uo comuri; core uo fan to nasu mono nari. Toqini go xuxxe no Nenqi*, 1592. Esta obra, conhecida como *Doutrina Cristã*, foi a primeira desta série a ser impressa no Japão, em Amacusa. Charles Boxer regista que um exemplar desta obra foi descoberta em 1903 por Naojiro Murakani, no Liceu Passos Manuel, em Lisboa. Mais tarde desapareceu, sendo encontrado depois num catálogo dum livreiro na Espanha⁽¹²⁾.

A segunda dessas obras (aí impressas ainda em 1592) é a *Dochtrina Kiri-shitan*. Foi este, efectivamente, na perspectiva de J. Braga, o primeiro livro da Doutrina Cristã em caracteres japoneses. A página do título perdeu-se. Tinha a data de 1592, crendo-se que foi impresso em Amacusa, nesse ano⁽¹³⁾. Nem o título nem a data da obra se encontram no volume, mas as primeiras palavras dos livros indicam que têm como finalidade dar "salutares conselhos sobre os métodos de administrar o Baptismo, exortando os fracos a receber o Sacramento da Penitência".

Existem, com efeito, muitas probabilidades que também este livro tenha sido impresso, nesse mesmo Colégio da Companhia, naquele ano⁽¹⁴⁾.

A terceira obra conhecida, impressa no Japão em 1592, compreende três livros: o primeiro é o *Nifon no cotobato. Historia no narai xiran to fossuru fito no tameni xeva ni yavaraguetaru Feiqe no Monogatari. Iesus no Companhia no collegio Amacusa ni voite Superiores no go menqio to xite core no fan ni qizamu mono nari. Go xuxxe yori MDLXXXII*.

Registe-se que *Feiqe Monogatari* é uma obra histórico-clássica japonesa que se apresenta na forma de um colóquio para estudo da língua e história do Japão.

O segundo livro dessa obra é *Esopo no Fabulas. Latinuo vaxite Nippon no cuchito nasu mono nari - Iesus no Companhia no Collegio Amacusani voite*

(12) Em 1917, um exemplar desta obra foi adquirido pelo Barão Iwasaki para a Toyo Bunko (Biblioteca Oriental), de Tóquio, onde foi executado um fac-símile do mesmo.

(13) "Sir" Ernest Satow descobriu o único exemplar impresso, desta obra na *Biblioteca Barberini* (Biblioteca do Vaticano).

(14) Também um exemplar desta valiosa obra, segundo Boxer, terá estado, durante algum tempo, no Liceu Passos Manuel de Lisboa, tendo mais tarde sido adquirido em Londres por Choze Ito. Essa espécie encontra-se actualmente na Biblioteca Central de Tenri, Japão. Não é conhecido nenhum outro exemplar da mesma.

Superiores no gomenqiotoxite coreuo fanni qizamu mono nari. Goxuxxe yori MDLXXXIII. Trata-se das Fábulas de Esopo, traduzidas do latim para o japonês.

O terceiro livro desta obra apresenta o seguinte título: *Xixo Xixxo nadono uchiyori nuqi idaxi, quincuxuto nasu mono nari. Vocata soresarani chusuru mono nari*, isto é, uma colecção de provérbios extraídos dos Quatro Livros e dos Sete Livros⁽¹⁵⁾.

Enquanto o primeiro livro desta obra foi composto tipograficamente em 1592, os segundo e terceiro (mesmo apesar de figurarem no mesmo volume) foram terminados, tecnicamente, já em 1593.

Deste último ano é, com efeito, a publicação de uma das mais famosas obras então publicadas para as cristandades do Japão. Trata-se da conhecida obra do Padre Manuel Alvares, isto é, *Emmanuelis Alvares e Societate Iesu De Institutione Grammatica, Libri Tres. Coniugationibus accessit interpretatio Iapponica. In Collegio Amacusensi Societatis Iesu. Cum Facultate Superiorum. Anno MDXCIII.* Trata-se da célebre gramática latina do Padre Manuel Alvares S. J., resumida e adaptada às necessidades dos estudantes japoneses⁽¹⁶⁾.

Do estudo da difusão da obra do Padre Manuel Alvares encarregou-se, nos anos cinquenta e sessenta, Emilio Springhetti, da Universidade Gregoriana de Roma. Ao publicar em Coimbra o seu abalizado estudo este investigador realçou, com propriedade, que esta obra do Padre Manuel Alvares, "entre 1572 e 1586 foi dada à estampa, inteira ou em versão reduzida, cerca de três dezena de vezes – das 62 edições que teve na Europa e no mundo em todo o séc. XVI – em países como Portugal, Espanha, Itália, França, Alemanha, Checoslováquia e Polónia, sendo objecto de estudo em mais de 200 côlegios jesuítas da Europa"⁽¹⁷⁾.

Estamos em crer que terá sido uma destas edições, realizada em Portugal, em Espanha ou em Itália nesse período, que os missionários da Companhia de Jesus terão levado consigo, na sua deslocação da Europa para o arquipélago nipónico, e aí,

(15) Desta obra tríplice, que se encontra na British Library, de Londres, foram já publicadas no Japão algumas edições. A. Vieira de Lemos, in *Algumas notas sobre a xilografia japonesa*, Porto, 1965, p. 17, n. 3, regista que *Ise* [em vez de *Feiqe*] *Monogatori* "era um repositório de 125 anedotas sobre a vida amorosa do poeta Ariwara Narihira, uma espécie de Don Juan japonês do século XII".

(16) Um exemplar encontra-se na *Biblioteca Angélica*, de Roma, e outro na Biblioteca Pública de Évora.

(17) P. Emilio Springhetti, "La Grammatica di Emmanuele Alvares, S.J.", revista *Humanitas*, vol. XIII-XIV, Coimbra, 1961-62.

terão – à semelhança do que acontecia (tão frequentemente) nos países do Velho Continente – pensado passá-la, também, uma vez mais para letra de forma, nesse ano de 1593.

APPENDIX						
EDITIONES GRAMMATICAE ALVARESIANAE						
NATIO	Urbes editrices	Numerus editionum in singulis nationibus per saecula				Summa
		Saec. XVI	Saec. XVII	Saec. XVIII	Saec. XIX	
1) Italia	23	17	30	32	21	100
2) Belgio	5	1	36	34	2	73
3) Cecoslovachia	6	1	3	67	–	71
4) Polonia	10	8	12	45	6	71
5) Germania	13	10	19	16	–	44
6) Francia	7	10	–	3	28	41
7) Portogallo	4	3	13	9	–	25
8) Ungheria	3	–	–	16	7	23
9) Lituania	1	2	–	18	–	20
10) Svizzera	5	2	10	7	–	19
11) Spagna	8	5	2	2	5	14
12) Austria	2	–	2	4	–	6
13) Iugoslavia	1	–	–	4	–	4
14) Lussemburgo	1	–	–	4	–	4
15) Irlanda	1	–	1	2	–	3
16) Romania	1	–	1	2	–	3
17) Messico	1	3	–	–	–	3
18) Olanda	1	–	–	2	–	2
19) Inghilterra	1	–	1	1	–	2
20) Cina	1	–	–	–	1	1
21) Giappone	1	1	–	–	–	1
22) Russia	1	–	–	–	1	1
SUMMA	97	62	131	267	70	530

Fig. 2

Edições da Gramática do Pe. Manuel Álvares – Apud Springhetti, 1961-62.

É caso para nos interrogarmos sobre quem eram esses tipógrafos que, nesse primeiro período de actividade tipográfico-jesuítica no Japão, estavam encarregados de cumprir tal "missão".

Foi também Charles Boxer quem trouxe, em 1936⁽¹⁸⁾, um valioso contributo nesse sentido. Escreveu ele, a propósito, que a iniciativa dos jesuítas levarem para o Japão a arte tipográfica europeia, "foi rapidamente apreciada pelos neófitos japoneses, muitos dos quais se mostraram competentes alunos nesta arte". Num catálogo de 1592 dos jesuítas já se "menciona um Irmão Pedro Japão impressor da letra de Japão, não sabe mais do que Japão (Irmão Pedro, japonês e impressor de caracteres japoneses, só sabe japonês) portanto dois anos depois da fundação desta tipografia".

Por sua vez, numa interessante carta de Março de 1594, o Padre Francisco Passio alude em termos entusiásticos ao progresso feito pela tipografia:

A tipografia foi enriquecida com um conjunto de letra grifa que os nativos fizeram com um pequeno custo, já que são muito generosos e excelentes trabalhadores. Estamos agora imprimindo a Gramática do Padre Manuel Alvares em língua portuguesa e em língua japonesa e quando esta estiver terminada prosseguir-se-á com um Calepim em português e japonês para que os japoneses possam aprender Latim e nós, os da Europa, japonês. Iremos também imprimir em caracteres japoneses o Guia de peccadores de Frei Luis de Granada, que está agora a ser traduzido, etc.

Estes propósitos de actividade tipográfica expressos nessa carta de 1594 do Padre Francisco Passio, em breve se tornam numa realidade e, ainda, no referido Colégio da Companhia, localizado em Amacusa.

No ano seguinte, com efeito, é logo dado à estampa o *Dictionarium Latino Lusitanicum ac Iaponicum, ex Ambrosii Calepini volumine depromptum: in quo omissis nominibus proprijs tam locorum quam hominum, ac quibusdam alijs minus usitatis, omnes vocabulorū significationes, elegantioresq; dicendi modi apponuntur: in usum, & gratiam Iaponicae iuventutis, quae Latino idiomati operam nauat, nec non Europaeorū, qui Iaponicū sermonem addiscunt. In Amacusa in Collegio Iaponico Societatis Iesu cum facultate Superiorum. Anno MDXCV*⁽¹⁹⁾.

Esta obra foi baseada no conhecido *Dicionário Latino*, de Ambrósio Calepino.

Uma outra obra de cariz espiritual que também conhecia, nesse período, uma

(18) Charles Boxer, "Alguns Aspectos da Influência Portuguesa no Japão", reproduzido, em 1989, em fac-simile, pela Fundação Oriente e Centro de Estudos Marítimos de Macau (originalmente foi este estudo dado à estampa in *The transactions and Proceedings of the Japan Society of London*, XXXIII, Londres, 1936), pp. 62-63.

(19) Exemplos desta obra encontram-se nas seguintes instituições: Biblioteca Bodleiana, Oxford; Biblioteca da Universidade de Leyden; Biblioteca de l'Institut de Paris; na British Library; Biblioteca Marsden, no King's College (actualmente Escola Estudos Orientais e Africanos); Biblioteca de Pei-T'ang, em Pequim [dois exemplares]; e em transcrição contemporânea na Biblioteca do Palácio da Ajuda (em Lisboa).

vasta popularidade, atendendo às numerosas reproduções tipográficas que teve⁽²⁰⁾ incluindo o Japão, foi a *Contemptus Mundi*, de Tomás de Kempis.

Em 1596, com efeito, os jesuítas imprimiram o livro que recebeu o título: *Contemptus mundi jenu. Core yo uo itoi, Iesu Christono gocoxeqiuo manabi tatematçuru michiuo voxiyuru qio. Nippon Iesus no Companhia no Collegio nite Superiores no goguegiuo motte coreuo fanni firaqu mono nari. Toqini goxuxxeno nenqi, 1596.*

Trata-se, com efeito, da tradução da *Imitação de Cristo*, daquele autor, para japonês, e desta histórica e raríssima edição conhecem-se dois exemplares, um na biblioteca Bodleiana, de Oxford, e um outro na Biblioteca Ambrosiana de Milão.

Jack Braga, investigador da História da Imprensa luso-nipónica, refere que segundo os estudiosos japoneses, a forma literária desta tradução confere a esta obra o título de "uma das melhores peças da literatura religiosa do Japão, tanto cristã como não-cristã".

Esta importante obra veio, um século depois, a ser traduzida para a língua portuguesa por autores como Diogo Vaz Carrilho e Frei António de Pádua e Bellas, religioso arrábido⁽²¹⁾, e apresenta-se ao leitor em quatro livros:

- I) Avisos bem importantes à alma, que entra na vida espiritual;
- II) Avisos para o trato interior;

(20) Ver, Isabel Cepeda, "As versões portuguesas da *Imitação de Cristo* (subsídios para uma bibliografia)", in *Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, Ano VII, Janeiro-Dezembro de 1961, nº 29-32, pp. 60-85.

(21) Das traduções para a língua portuguesa conhecidos desta obra, Inocêncio Francisco Silva regista, in *Dicionário* (tomo III), como sendo a primeira a que fez Diogo Vaz Carrilho. A essa edição, de 1670, podem-se acrescentar as seguintes: Lisboa, pelo mesmo João da Costa 1673. Idem, por Domingos Carneiro 1679. Idem, na Ofic. da Musica 1729. E, com o título seguinte: *Imitação de Christo, que o vulgo intitula "Contemptus mundi" dividida em quatro livros, escripta pelo veneravel, Thomas de Kempis. Edição novíssima, corrigida com summo escrupulo e cuidado.* Lisboa na Ofic. de Manuel Coelho Amado, 1777, 12º de VIII-467 pag. com cinco estampas.

Nesse mesmo ano apareceu porém outra edição, com tais mudanças na frase, que bem pode tomar-se por uma outra tradução. Eis o seu título: *Imitação de Christo, escripta pelo veneravel Thomas de Kempis. Nova edição, correcta e emendada por um Religioso Arrabido.* Lisboa, na Ofic. Rollandiana 1777. 12º de xxvi – 500 pag., com cinco estampas.

O religioso arrábido era, como se viu pelas edições subsequentes, Fr. António de Pádua e Bellas, que depois foi bispo do Maranhão. Sobre esta edição se fizeram sucessivamente outras, na mesma oficina, como a de 1797, e a de 1801: *IMITAÇÃO DE CRISTO, escrita em latim, por Thomas de Kempis, e traduzida por Fr. António de Pádua e Bellas, Religioso Arrabido. Nova edição, correcta, emendada, e adornada com cinco Estampas em talhe-doce.* Lisboa, na *Typografia Rollandiana*. 1801. Também desta última existe um exemplar na Livraria Humanística da História da Tipografia de Expressão Cultural Portuguesa.

- III) Diálogo entre Jesus Cristo e o seu servo, no qual se representa o que se passa na vida interior;
- IV) Do Augustíssimo Sacramento do altar e do modo com que a alma deve preparar-se para o receber.

Esta obra de Tomás de Kempis, impressa pelos missionários que labutavam na cristianização do Japão em 1596, encontra-se em íntima consonância – pela sua intrínseca carga de diálogo pela fé – com um outro bem conhecido livro editado nesse mesmo ano no Japão. Trata-se dos *Exercitia Spiritualia Ignatij de Loyola. Cum Facultate Superiorum. In Amacusa in Collegio Iaponensi Societatis Iesu. MDXCVI.*

Trata-se de uma versão vulgar em Latim, do original em espanhol. O único exemplar conhecido desta obra encontra(va)-se na posse do Conde de Oppersdoff, Obarglogau, Alta Silésia, Alemanha.

Ainda desse mesmo ano é a obra *Compendium Spiritualis Doctrinae ex libris Sanctorum Patrum sententijs magna ex parte collectum: Autore Reverendiss. P.F. Bartholomeu de Martyribus, Archiepiscopo Bracharensi, & Hispaniarum Primate. In Collegio Iaponico Societatis Iesu cum facultate Ordinarij, & Superiorum. Anno 1596.* É o conhecido tratado sobre a vida espiritual, por D. Frei Bartolomeu dos Mártires, Arcebispo de Braga, primeiramente publicado em Braga, em 1564. Tratando-se de uma obra muito popular, dela se fizeram várias edições em diversos países da Europa⁽²²⁾.

Entre 1596 e 1597 não se conhecem obras que tenham saído deste mesmo prelo. No entanto, já do ano de 1598, altura em que o prelo foi transferido para o colégio da Companhia em Nagasaki, são conhecidos dois novos livros aí impressos. São eles: *Salvator Mundi; Confessionarium in Collegio Iaponico Societatis Iesu. Cum facultate Superiorum. Anno MDXCVIII.* Trata-se de um tratado sobre a confissão, escrito em cursivos caracteres chineses e em símbolos *hiragana* ⁽²³⁾.

O outro livro de 1598 intitula-se *Racuyoxu. – In Collegio Iaponico Socie-*

(22) Durante muito tempo passou despercebida aos estudiosos, a existência desta edição nipónica, até que um exemplar se encontrou na Biblioteca da velha Missão Portuguesa de Pequim, a Biblioteca de Pel-t'ang. Um outro exemplar foi encontrado pouco depois no Convento de Santo Agostinho, em Manila (provavelmente destruído durante a II Guerra Mundial). Já em 1949, foi ainda posto à venda numa livraria de Nova Iorque um outro exemplar (Jack Braga).

(23) O único exemplar, cuja existência se conhece, encontra-se na Biblioteca Casanatense, em Roma.

tatis Iesu. Cum facultate superiorum. Anno MDXCVIII e é um dicionário dividido em três partes contendo a primeira caracteres chineses, e a segunda apresentando-se, segundo Jack Braga, com silabário japonês *kana*. Estas duas partes estão datadas de 1598. A terceira parte, publicada em 1599, classifica os caracteres de acordo com os seus radicais com a leitura de *on* e *kun*⁽²⁴⁾, precisa o mesmo autor⁽²⁵⁾.

Nos dois últimos anos do século XVI, a actividade tipográfica dos missionários da Companhia – desta feita já em Nagasáqui – não esmorecia na sua luta pela implantação da fé cristã. Era de facto corajosa essa luta pela afirmação do Cristianismo naquelas paragens, tendo-se em conta que fora já há mais de dez anos – precisamente no dia 25 de Julho de 1587 – que Toyotomi Hideyoshi, "havia decretado o desterro de todos os missionários"⁽²⁶⁾.

Símbolos dessa "afirmação" missionária tipográfica são ainda os cinco livros editados nesses dois anos: 1599 e 1600.

O primeiro destes é o *Guia do Pecador – In Collegio Iaponico Societatis Iesu. Cum facultate Ordinarij, & Superiorum. Anno MDXCIX*.

Trata-se, segundo Jack Braga, de uma versão abreviada em japonês da célebre obra de Frei Luis de Granada, da Ordem dos Pregadores da qual se fizeram diversas edições em várias línguas da Europa. Admite-se, hoje, que uma segunda edição japonesa dessa obra tenha sido impressa em 1602⁽²⁷⁾.

É, também, o caso da obra *Doctrina Christan. In Collegio Iaponico Societatis Iesu. Cum facultate Ordinarij & Superiorum. Anno 1600*, uma edição aumentada do primeiro livro editado em 1592, em latim⁽²⁸⁾.

(24) O único exemplar, que contém as três partes, figura na Biblioteca do Museu Britânico. Enquanto isso exemplares com as duas primeiras partes encontram-se na Biblioteca da Universidade de Leyden, na Biblioteca Nacional de Paris e ainda nos Arquivos da Companhia de Jesus, em Roma.

(25) Jack Braga, ed. cit.

(26) P. Diego Yuuki, *op. cit.* (1973, ed. de 1990), p. 9.

(27) Conhece-se a existência de muitos exemplares, alguns dos quais, contudo, em fragmentos, o que, segundo Jack Braga, torna difícil saber-se se pertencem à edição de 1599 ou à de 1602. Encontram-se exemplares na British Library de Londres; na Biblioteca do Escorial, Espanha; na Biblioteca Nacional de Paris; na Biblioteca Barberini (hoje do Vaticano); na Biblioteca do Rei D. Manuel II, em Vila Viçosa; e, ainda, nos Arquivos da Sociedade de Jesus, em Roma; na Biblioteca Nacional de Lisboa; na Biblioteca Central de Tenri, Japão; na ex biblioteca particular de de Charles Boxer (hoje em Indiana, EUA).

(28) Conhece-se apenas a existência de dois exemplares, um na Biblioteca do Marquês de Tokugawa, em Mito, Japão e outro na Biblioteca Apostólica Vaticana.



Fig. 3

Rosto da edição latina da obra *GUIA DO PECADOR*, no "Colégio Japonico", em 1599

Outra conhecida edição desta obra é *Doctrina Christan. Nagasaqui ex Officina Goto Thome Soin typographi Societatis Iesu. Cum Facultate Ordinarij, & Superiorum. Anno 1600*. Trata-se, como se disse, de uma outra edição da **Dochtrina Kirishitan**, de 1592. O nome de Goto Tomas Soin aparece aqui como impressor e confirma a mudança mencionada pelo Padre Gabriel de Matos, em 1603, segundo a qual a Imprensa dos Jesuítas no Japão começou a trabalhar em dois departamentos separados, um destinado à impressão de livros em latim e outro em textos em japonês⁽²⁹⁾.

Os dois últimos livros quinhentistas ali impressos que se conhecem mesmo que o referido prelo ali estivesse em actividade até cerca de 1614 são: *Royei-Zafitsu. In Collegio Iaponico Societatis Iesu. Cum Facultate Ordinarij, & Superiorum. Anno 1600*, uma antologia de poemas para recital, sobre temas tais como a fragilidade da vida humana, heróis japoneses e várias orações⁽³⁰⁾ e *Orashio no Honyaku tsuketari Kirishitan oshie no jojo, Nagasaki, 1600*, um devocionário e um catecismo em japonês e latim⁽³¹⁾.

O homem europeu e asiático estavam, assim, unidos num mesmo ideal de fé. A acção desenvolvida, ao nível da tipografia quinhentista de expressão cultural portuguesa no Oriente, patenteou-se de forma significativa, como um veículo de propagação dos ideais humanísticos.

(29) Apud Jack Braga, op. cit. O único exemplar conhecido desta obra encontra-se na Biblioteca Casanatense, em Roma.

(30) Desta obra só se conhece um exemplar que se conserva na Biblioteca do Escorial, Espanha.

(31) O único exemplar conhecido foi adquirido pela Biblioteca Central de Tenri, Tambaichi, Japão, em 1941.